

UM REFLEXO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO SOB O VIÉS DA TEORIA EXISTENCIALISTA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

A REFLECTION OF THE CONTEMPORARY MAN UNDER THE VIES OF THE EXISTENTIALIST THEORY IN JOSÉ SARAMAGO'S *BLINDNESS*

Rejane Silva de Moraes¹
Raphael Bessa Ferreira²

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade dialogar acerca do comportamento dos personagens da obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), do escritor português José Saramago, e mostrar como tais condutas são reflexo do homem contemporâneo, analisados sob a luz da teoria existencialista. Inicialmente, pretende-se apresentar a visão crítica sobre o objeto de estudo, alicerçada na apreciação de alguns estudiosos, assim como expor a visão da teoria existencialista, sendo ela o apoio para a análise. A partir disso, busca-se traçar a leitura da obra literária, refletindo sobre o homem deste século, com base na corrente existencialista do filósofo francês Jean-Paul Sartre, que caracteriza a existência do homem “através de um exame detalhado da realidade humana”. Por isso, tenciona-se estabelecer tal relação com o intuito de analisar que as características humanas reveladas através dos personagens fictícios de José Saramago constituem um elo com a existência do homem. E, para realizar essa empreitada, será utilizado como material metodológico os trabalhos de Sartre (2014), de Abbagnano (1976), Gilles (1979), Pecoraro (2009), Maurois (1966) além de outros teóricos como subsídios para análise.

Palavras-Chave: Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, Existencialismo sartreano.

Abstract: This study aims to presents a reading of the novel *Blindness* (1995), by the Portuguese writer José Saramago and dialogue about the characters behavior in the novel and show how such behaviors are reflective of contemporary man analyzed in the light of the existentialist theory. Initially, it is intended to present a critical view of the object of study, grounded in the critical appraisal of some scholars, as well as expose the view of existentialist theory, it is the support for analysis. From this, we seek to trace the reading of literary work, reflecting about the man of this century, based on the existentialist current by the French philosopher Jean-Paul Sartre, which characterizes the existence of man "through a detailed examination of human reality". Therefore, it intends to establish such a relationship in order to analyze the human characteristics revealed through the José Saramago's fictional characters form a link with the existence of man. And to carry out this task will be used as methodological materials the works of Sartre (2014), Abbagnano (1976), Gilles (1979), Pecoraro (2009), Maurois (1966) and other theorists such as subsidies for analysis.

Keywords: Saramago, *Blindness*, Sartrean existentialism.

¹ Discente do Programa de Pós-graduação – *Latu Sensu* – em Abordagens Culturalistas: Saberes, Identidades e Diferenças Cultural na/da Amazônia pela UNIFESSPA. Aluna Especial do Mestrado em Letras da UNIFESSPA. Graduada em Letra – habilitação em língua portuguesa – pela UEPA. E-mail: rejanasilvademoraes@hotmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Professor da Cátedra de Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: ru-98@hotmail.com

172

na obra de Saramago, e de onde se pode encontrar os motivos que levam os personagens a tomar certas atitudes na trama da narrativa, traduzem características que acabam por refletir o homem, traçando um elo com a humanidade contemporânea.

2. A fortuna crítica da obra *Ensaio sobre a cegueira*

Às vésperas da virada do século, exatamente nos anos de 1998, o escritor José Saramago recebia o prêmio Nobel da Literatura, e, nessa perspectiva, tornava-se o primeiro autor de língua portuguesa a obter tal premiação. Herdeiro de muitas críticas e autor de grande importância, “Saramago tinha uma maneira muito própria de escrever. Era criativo, polêmico e deu uma grande contribuição à literatura mundial”, na declaração do poeta e escritor Ferreira Gullar³.

Reverenciado como um dos grandes nomes do cânone da literatura portuguesa e dono de um estilo próprio, “marcado pela linguagem correntia, coloquial, sem rebuscamentos, que o vincula às impressões do dia-a-dia, tornando-se acessível a toda espécie de leitor” (MOISÉS, 2008, p. 525-526), Saramago teve seus livros traduzidos para muitas línguas estrangeiras. Não por acaso, em um debate sobre leitura, o autor lusitano é incluído pelo crítico norte americano Harold Bloom (*apud* FERRAZ, 2003, p. 14) como sendo um “dos melhores romancistas que conhece, não deixando nada a dever aos grandes nomes da literatura”.

Três anos antes de receber a premiação, o autor lançara uma das obras de maior importância de sua carreira, *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995). Sua criação é caracterizada, segundo visão de Massaud Moisés, (2008, p. 527), através do “mais cerrado realismo”, e expõe, nas palavras de Silva, “questões que afetam diretamente a condição humana, emergindo discussões acerca do modelo de sociedade criado que atinge a nossa contemporaneidade” (2011, p. 03).

No momento de apresentação do livro, o escritor nos mostra que não somos bons, e que precisamos reconhecer isso, uma vez que os mistérios que constituem a vida do homem significam a sua própria existência. Segundo o próprio Saramago, o romance é terrível, tendo-o escrito com o desejo de que o público sofresse, assim como ele sofrera ao escrever a obra. Em entrevista presente em um documentário, dirigido por Jardim e Carvalho (2002), o autor declara como surgiu a ideia de escrever o livro:

³ Excerto extraído da REDAÇÃO, Uol. **Repercussão José Saramago**. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2010/06/18/repercussao-jose-saramago.jhtm>. Acesso em 06 de Maio de 2016.

Estava em um restaurante em Lisboa, e de repente pensei: E se fôssemos todos cegos? E depois praticamente num segundo respondi a mim mesmo a pergunta que acabava de fazer: Mas nós estamos todos cegos: cegos da razão, da sensibilidade, cegos daquilo que fazem de nós, um ser razoavelmente funcional no sentido da relação humana, mas do contrário, um ser agressivo, um ser egoísta, um ser violento, isso é o que somos.

Saramago apresenta em sua obra uma reflexão crítica ante aos comportamentos da sociedade contemporânea, desvelando toda a complexidade que a circunda, numa fase em que seus escritos literários estavam voltadas para a observação do(s) caráter(es) humano(s), e compreendida por Ferraz como uma “tentativa de entender o que significa ser humano, explorando a relação do humano com o absurdo, com o desconhecido, com o próprio isolamento do mundo moderno” (2003, p. 17). E essa ligação representa, nos dias de hoje, que o mundo vivido aí é uma figuração da realidade.

Observa-se, assim, nessa fase, que a literatura de Saramago traça um percurso da história da humanidade, que Silva define como sendo “o ser humano e sua inserção social, o ser humano e seu labor, o ser humano e suas realizações, o ser humano e suas relações mútuas” (2011, p.03), e tais relações humanas são inevitavelmente formas de compreender a humanidade.

Ao compor a obra, o autor cria personagens que refletem sobre nós mesmos e sobre a complexidade da conduta e das relações do seres humanos, através de uma cegueira que estampa bem o que somos. Os personagens da trama, ao entrarem em contato com o estado de cegueira, de abandono e de sofrimento, escolhem e agem impensadamente em razão de seu estado íntimo de angústia e aflição para com a vida, e, em outros momentos, se sentem impossibilitados de realizar qualquer ato.

Um livro que nos faz enxergar nossa própria alma, às vezes perversa e cruel, qualificando o quanto os homens são maus. E é nesse sentido que o autor apresenta “a condição humana – com suas fragilidades, com as suas duplicidades, com os seus egoísmos e com as suas crueldades” (REIS, 2006, p. 308). Como se nota, nesse universo literário da obra, José Saramago apresenta uma visão do homem contemporâneo por meio de uma “cegueira”, metáfora da condição humana retratada pelo autor: o homem revelado no que lhe há de pior, mostrando sua verdadeira natureza.

3. Propedêutica aos aportes teóricos da corrente existencialista de Sartre

O existencialismo, em conformidade com o dicionário *Aurélio*, significa o “caráter das doutrinas para as quais o objeto próprio da reflexão é o homem na sua existência concreta”

(2010, p. 330). Movimento tanto filosófico quanto literário, o existencialismo é uma corrente de estudo e análise da existência do homem que, nos pensamentos de Cotrim e Fernandes, “têm na existência humana o ponto de partida e o objeto fundamental de reflexões” (2010, p. 272).

Surgindo por volta do século XIX, e possuindo inúmeros percussores, que, “nas pegadas de Sócrates, Santo Agostinho e Pascal, desenvolveram doutrinas antropocêntricas preocupados com a problemática da existência humana” (D’ONOFRIO, 2002, p. 412), a corrente existencialista, porém, tornou-se mais conhecida pelo movimento filosófico de meados do século XX.

Os precedentes principais dessa corrente filosófica se encontram na crítica fenomenológica do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (*apud* D’ONOFRIO, 2002, p. 413) que “sente o peso da condição humana, atormentada pela sua finitude, pela solidão espiritual e pela angústia do pecado”, analisando a relação existencial do homem com o mundo, com Deus, consigo mesmo e também com os outros.

Contudo, é no contexto do século XX que a teoria existencialista tem seu auge, e atinge muitas críticas justamente por mostrar o lado negativo do homem, principalmente a partir dos pensamentos do pesquisador Jean-Paul Sartre (1905-1980), que “via no desespero uma imagem lúcida do que era a condição humana” (1980, p. 19). Esse período, onde preponderavam esperanças, desencantos, sonhos e cegueira, ficou conhecido por muitos como o “século de Sartre”.

O existencialismo sartreano observava as questões existenciais do homem diante das angústias, do desespero, da total liberdade, da responsabilidade pelos atos de cada indivíduo, da sua realidade individual e também coletiva de vivência humana. Esta filosofia, de acordo com Maurois:

Causou muito barulho; exerceu uma influência. Mas em geral foi pouco compreendida. O povo chamou de existencialistas mocas e rapazes de cabelos compridos! Na verdade o existencialismo é uma filosofia da liberdade, grave, profunda que Sartre expos brilhantemente, mas que não inventou. (1966, p. 306).

Em tese, por ser uma teoria mal compreendida, Sartre, em uma conferência proferida no ano de 1945, defendia-se das acusações que eram dirigidas ao seu pensamento – por ser este o responsável em acentuar, de forma negativa, o lado obscuro do ser humano e o lado ruim da vida humana – assinalando que existencialismo é “uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (2014, p. 20). Em outras palavras, o existencialismo de

Sartre promove sentidos para a vida e considerações voltadas para o âmago do homem, e que antes não eram objetos de reflexão:

Questões como morte, a liberdade e o mal, que antes eram objetos de reflexões desinteressadas, passaram a fazer parte das angustias do cotidiano, porque se tornaram presentes no dia a dia de cada um. Medo, culpa, humilhação, responsabilidade tornaram-se vivências inescapáveis. (PECORARO, 2009, p. 104)

Essa tendência filosófica de interpretação existencial não diz respeito apenas às formas e modos do homem se relacionar com o mundo, mas também em buscar saber como o mundo mostra-se enquanto possibilidade de existência para o homem. E, por sua vez, o conceito de existência, segundo Cotrim, “é tomado como algo que se refere a condição específica do homem como ser no mundo” (1986, p. 204). E essa existência revela o modo de *ser* do próprio existir humano, naquilo que ele tem de absurdo na realidade humana: o existir, o viver, a vida, a morte e a realidade.

O pensamento filosófico de Sartre, influente e moderno, continua vivo, e sua filosofia existencialista foi bem ilustrada nas suas vastas obras literárias, tendo em vista que os problemas existenciais da humanidade eram nelas abordados, de forma a interpretar e examinar a existência do homem diante de suas condutas no percurso de sua vida. E, por isso, essa literatura existencialista:

dedicou-se, sobretudo, a descrever as situações humanas em que mais se notam os traços da problematidade radical do homem, sublinhando assim as vicissitudes menos respeitáveis e mais tristes, pecaminosas ou dolorosas, e também a incerteza da ação humana, quer esta seja boa ou má, e a ambiguidade do próprio bem, que, por vezes, se confunde com o seu contrário (ABBAGNANO, 1976, p. 47)

A dureza do otimismo da filosofia de Sartre, que consiste na afirmação de que o homem é o que escolheu e quis ser, ao mesmo tempo que vive em um mundo de tristezas e maldades, permite compreender a natureza concreta dos homens, além de fazer essa corrente refletir profundamente na existência do homem, que ao ser:

Colocado pela sociedade, política, família, educação ou pelos hábitos adquiridos numa encruzilhada de múltiplos caminhos, escolha ser covarde ou corajoso, cúmplice ou denunciador, que aceite ou combata a situação, mas que assuma a responsabilidade de uma opção, atuando ou participando, mesmo que isso seja inquietante e incomodo. (SARTRE *apud* GILES, 1979, p. 91)

Se o homem vive o processo de escolha, de onde brota a angústia, por refletir quem ele é, tal condição se concentra na liberdade humana. Esta liberdade, na filosofia de Sartre, está condicionada à independência do ser humano em agir de acordo com as suas vontades, uma vez que “é o exercício da liberdade, em situações concretas, que impulsiona a conduta

humana, que gera incerteza, que conduz à procura de sentidos, que produz a ultrapassagem de certos limites” (*apud* GILES, 1979, p. 208).

A frase existencialista mais famosa de Sartre é “a existência precede a essência”. Nesse ponto, está definida a característica principal do existencialismo, “no sentido de que o homem, em primeiro lugar, existe, isto é, encontra-se no mundo, e só *depois* se define por aquilo que é ou quer ser” (ABBAGNANO, 1976, p. 87), ou seja, “da existência em si mesma como vivência, que, desenvolvida pelo ser, cria e define seu destino” (TAVARES, 2002, p. 97). Essa condição determina que o homem será o que ele quiser ser, pois ele é livre. Não há uma essência humana que o determine, mas uma essência que ele constrói na sua existência a partir das escolhas feitas ao longo de sua vida.

Isso permite compreender outras faculdades existenciais, tais como a angústia, o desamparo e o desespero. Esse tipo de angústia, que é vivenciada pelo homem, é descrita pelo existencialismo sartreano como uma condição em que o homem não pode deixar de ter, na decisão que tomar, uma certa angústia, o que implica “com efeito, que eles encaram uma pluralidade de possibilidades; e quando escolhem uma, dão-se conta de que ela só tem valor por ter sido escolhida. (SARTRE, 1987, p.8)

A condição humana apreciada por Sartre é a de que “o desamparo é acompanhado pela angústia” (2014, p. 39). Ora, se o homem é livre para escolher sua vida ou destino, a angústia proporcionada por tal escolha o torna também um ser desamparado. Isso decorre justamente por ele não poder responsabilizar a outrem pelo que escolheu ser, assim como muito menos pelas decisões tomadas por suas atitudes. Nesse conjunto, que enseja toda uma gama de sentido à existência, o homem está sempre fazendo escolhas. E a consequência dessa escolha demonstra o que o homem é: bom ou mal, gerando o sentimento de angústia e desespero diante das suas ações.

4. Análise existencial do comportamento humano em *Ensaio sobre a cegueira*

No decorrer do romance *Ensaio sobre a cegueira*, os personagens de Saramago, todos sem nome e isolados em grupos num manicômio, são definidos a partir das características particulares de cada um, sempre colocados diante de situações críticas de sofrimento, aflição, medo, horror, incertezas, dúvidas, abandono e angústia. Essas condutas humanas, recorrentes na obra, remetem às características do homem em dias atuais, quando este sofre diante das expectativas fracassadas e também das frustrações de sua existência.

O autor tece no romance diálogos que remetem a crises dramáticas e existenciais vividas pelos personagens, e que são bem presentes na trajetória humana no que tange ao

modo de ser-estar do homem no mundo: “depois, como se acabasse de descobrir algo que estivesse obrigado a saber desde muito antes, murmuro triste, É desta massa que nós somos feito. Metade de indiferença e metade de ruindade” (SARAMAGO, 1995, p. 40). Aqui, percebe-se que o personagem do médico, já cego, ao ser atingido pela insolência e grosseria de um atendente ao telefone, conhece o lado negativo do ser humano, que ao invés de ampará-lo, o ignora. É justamente nesse ponto que os existencialistas “procuram repensar a existência aparentemente gratuita, onde o homem se sente jogado” (GILES, 1979, p. 90). E o estar “jogado” aqui diz respeito ao sentido do homem ser abandonado e desamparado no momento em que mais precisa do outro, sendo lançado à própria sorte.

Os personagens, em completo sentimento de angústia, aos poucos, no estado de cegueira em que se encontram, revelam seu lado egoísta, pois somente os seus interesses e necessidades particulares são considerados, desprezando aos interesses alheios. O existencialismo de Sartre (1987) afirma que se o homem escolheu ser assim, ele não pode furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. Tal característica, imbuídas nas personagens saramaguianas, refletem o homem de hoje em sua existência absurda:

De súbito, sem que ele contasse, a consciência acordou censurou-o asperamente por ter sido capaz de roubar o automóvel a um pobre cego, Se agora estou nesta situação, argumentou ele, não foi por te lhe roubado o carro, mas por ter ido acompanhá-lo a casa, esse é que foi meu grande erro. (SARAMAGO, 1995, p. 78)

O que define o homem nos dias de hoje é o seu ato, e a personagem da prostituta (que sua óculos escuros), aflita e lamentando-se por ter sido a culpada pela morte de um ladrão, através de expressões de lágrimas, dor, angústia e desconformidade, sente por dentro a gravidade do ocorrido. Esse tipo de sentimento faz com que os indivíduos em condição semelhante à da personagem produzam reações de angústia. E o termo é descrito por Sartre como a consciência da liberdade, que permite ao ser humano ter a noção das próprias ações. Por isso, a personagem, assim como todos os homens da trama, sofre a agonia e angústia das consequências de seus atos:

Por enquanto, eram lágrimas e lamentos, A culpa foi minha, chorava ela, e era verdade, não se podia negar, mas também é certo, se isso lhe serve de consolação, que se antes de cada acto nosso nos puséssemos a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar. (SARAMAGO, 1995, p. 84)

A cegueira que atinge os personagens de Saramago é uma característica que, atribuída ao homem nas questões éticas e morais, é utilizada para mostrar que os valores se perderam, e que eles já eram “cegos” antes mesmo de ficarem cegos: “O medo cega, disse a rapariga dos

olhos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 131). E, estando cegos, e ao mesmo tempo vivendo a total liberdade teorizada por Sartre, já que são livres, as personagens são levadas aos seus últimos limites, perdendo sua moral, pois eles lutam para apenas saciar o seu amplo e valioso ego.

Outro drama emocional, e do qual o homem dos tempos atuais é obrigado a vivenciar, é a junção dos sentimentos de horror, ódio, aversão e pânico que habitam constantemente as relações humanas. Isto pode ser observado a partir dos atos da mulher do médico, única personagem da obra que possui o dom da visão e que não fora atingida pela cegueira: “se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego” (SARAMAGO, 1995, p. 135).

Essa realidade, que envolve o indivíduo e é vivenciada pela personagem, é, para Sartre (*apud* GILES, 1979), “o princípio do existencialismo na qual o homem é analisado dentro da situação em que ele se encontra” (p. 92). E, a princípio, o que poderia ser um privilégio converte-se em aflição, visto que a personagem enxerga o que há de mais cruel e desumano nas atitudes dos seres, derivando daí o sentimento de angústia, segundo as concepções do existencialismo.

Em outro momento da narrativa, o autor destaca, mais uma vez, o sentimento de angústia do ser. Contudo, tal sentimento e condição existencial deriva do ato de assassinar a outrem: “...eram só lágrimas o que lhe cobrira a visão, lágrimas como as nunca tinha chorado em toda sua vida, Matei disse em voz baixa, quis matar e matei. Velha e assassina, pensou, mas sabia que se fosse necessário tornaria a matar (SARAMAGO, 1995, p.188-189).

A culpa de ser assassina, e ao mesmo tempo inocente desse crime – já que tal conduta havia sido realizada em um momento de desespero, em prol da própria sobrevivência, e que mostra o que somos capazes de fazer diante de uma situação extrema, ou situação limite – faz parte da “simples reivindicação lógica da nossa liberdade” (SARTRE, 2014, p. 678). E essa conduta da personagem em viver a liberdade, que Sartre afirma ser um fardo à existência, faz parte da responsabilidade da escolha, o que promove a reflexão acerca da própria condição humana, envolta pela liberdade de escolha, o que gera sentimento de angústia e remorso pelo ato praticado.

Em um trecho da obra que propõe uma reflexão sobre a esperança, percebe-se a expectativa e a abertura ao amanhã, em contraposição ao hoje, ao agora. A personagem se preocupa com o hoje, enquanto o fardo dela poderá ser eterno: “Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, a responsabilidade de ter olhos quando outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p. 241). Isso é uma metáfora para a

condição de liberdade total do ser, de que por ser livre o homem existe em si, para os outros e para o mundo, e por isso mesmo ele é responsável pelos outros, assim como por si mesmo. E nessa responsabilidade reside as reflexões de Sartre sobre o existencialismo ser um humanismo, em que o “homem é responsável por si mesmo e responsável por todos os homens” (2014, p. 26).

A premissa do existencialismo é que a pessoa define sua essência, é ela que integra a natureza concreta do homem em sua singularidade. Suas decisões ao longo da vida estão condicionadas à sua liberdade, e o “animalzinho” em que ele se tornara é nada mais que o fruto de sua escolha: “quando a aflição aperta, quando o corpo nos demanda de dor e angústia, então é que se vê o animalzinho que somos” (SARAMAGO, 1995, p. 243). Aqui, essas práticas desumanas de maldade com o outro, e bem observadas no romance através dos personagens, pertence ao profundo e íntimo dos homens, pois, para Sartre (*apud* GILES, 1979) “a atitude original e natural entre os homens não é o amor, a harmonia e a paz, mas sim o ódio, o conflito e a luta” (p. 93).

Observa-se nesse momento do romance o costume dos homens em não querer ver e enxergar o outro: “um velho costume da humanidade, esse de passar ao lado dos mortos e não os ver, disse o médico. (SARAMAGO, 1995, p. 284). Esse modo de agir da humanidade refere-se ao egoísmo dos homens, no sentido de que, por serem egoístas, eles não são capazes de colocar-se na condição do próximo, mas sempre no que é conveniente a si mesmo, pois eles querem “ver” a si próprios, e não aos outros. E não enxergar o outro, que está “morto”, é não querer ver o futuro, é não se importar com a condição fatal que nos aguarda, a certeza única que a vida nos reserva, a de que um dia todos terão de morrer. E a morte, na filosofia de Sartre, é a configuração da certeza de que um nada nos espera.

Aqui há um jogo semântico com as formas verbais do verbo “ser”: ser e estar! Eles, a humanidade, não eram cegos, ou seja, não nasceram assim, congenitamente, mas tornaram-se cegos: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). Não é um sentido inato do homem, mas uma condição que lhe é imputada por sua natureza de ser o que escolheu. Não se é cego, mas se está cego. Saramago destaca que essa cegueira nos faz enxergar, “Cegos que veem”, mas que, contudo, mesmo vendo, “não veem”. Não enxergam o que lhes é dado, mas apenas querem “ver” o que lhes é de interesse próprio.

Considerações Finais

A maldade do homem, pontuada sob as mais diversas facetas, vistas durante a leitura da obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, segundo Saraiva e Lopes, faz parte da “degradação social e moral” que orbita as relações do homem, “deixando uma terrível e inapagável impressão pessimista humana” (2008, p. 100). Em tese, o romance de José Saramago parte do ponto de vista de que os personagens são colocados diante de dramas existenciais, nos quais as ações revelam o que de mais absurdo existe em seu interior, e que acabam por se exteriorizar para a realidade humana.

Os dilemas da existência dos personagens, que existem para escolher, e que bem refletem a condição humana, aparecem e se manifestam em sentimentos de angústia, desespero, inquietude, desconsolo, aflição e tristeza, em virtude de seu lado sombrio e cruel. Esses problemas, fomentados na obra graças à alegoria da cegueira, bem como pela visão do escritor, problematizam uma série de críticas sobre a existência dos homens em nosso tempo, o que possibilita ainda uma série de questionamentos ante aos comportamentos da humanidade diante de algumas situações.

Com isso, constatou-se que a composição literária de Saramago atinge significações que se encaixam no âmbito do existencialismo do filósofo Jean-Paul Sartre, pois as contribuições deste à compreensão de um indivíduo responsável pelas escolhas revelam a verdadeira essência do homem.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 1976.
- COTRIM, Gilberto Vieira. *Fundamentos da Filosofia para uma geração consciente: elementos da história do pensamento ocidental*. São Paulo: Saraiva, 1986.
- _____; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental - Autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2002.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Juiz de Fora: UFJF; Blumenau: EDIFURB, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário de língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.
- GILES, Thomas Rhanson. *Introdução a Filosofia*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.
- GULLAR, Ferreira. *Repercussão José Saramago*. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2010/06/18/repercussao-jose-saramago.jhtm>. Acesso em: 06 de Maio de 2016.
- JANELA da Alma*. (Documentário) Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: Flávio R. Tambellini. Ravina Filmes, Copacabana Filmes. Brasil, 2002. Dvd.

- MAUROIS, André. *De Gide a Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1966.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 35. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2008.
- PECORARO, Rossano. *Os filósofos: Clássicos da filosofia: v.III: de ortega y Gasset a Vattimo/Rossano Pecoraro, (org.)*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- REIS, Carlos. *História crítica da Literatura Portuguesa*. (Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo). Vol. IX. Lisboa: Verbo, 2006.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAIVA, A.J; LOPES, Óscar. *História da Língua Portuguesa*. Porto: Editora de Évora, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um Humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *O testamento de Sartre*. São Paulo: L&PM, 1980.
- _____. *O existencialismo é um humanismo. A imaginação: Questão de método*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SILVA, Adriana Gonçalves da. *O olhar desencantado em Ensaio sobre a cegueira de José Saramago*. Universidade Federal de Viçosa, abril de 2011.
- TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

Artigo recebido em: 21/06/17

Artigo aceito em: 23/07/17